

O Futuro da Europa (1)

Publicação: [O Mundo em Português Nº 64](#)

Data de Publicação: Maio/Junho 2007

Autor: Mário Soares

(1) Intervenção no seminário comemorativo do Dia da Europa, 9 de Maio de 2007

Como convicto europeísta que sou, desde sempre, confio no futuro da União Europeia. Mas tenho que reconhecer que a Europa atravessa uma crise grave, quanto ao rumo a seguir – talvez a mais grave que alguma vez viveu – e que as eleições francesas, por que esperávamos, não foram particularmente clarificadoras, nesse aspecto. É certo que o novo Presidente eleito da França, Nicolas Sarkozy, anunciou o «regresso da França à Europa», como se alguma vez tivesse deixado de estar na União. Mas não o fez de modo a esclarecer muitas das dúvidas que nos preocupam, quanto:

- à reforma institucional, uma vez abandonado, ao que parece e com grande mágoa minha, o Tratado Constitucional, já referendado por dezoito Estado membros, enquanto alguns outros esperavam a oportunidade para o fazer;
- a encontrar os recursos para uma Europa Política e Social, que o Presidente eleito francês diz querer;
- ao desejo de um «directório europeu», de que várias vezes terá falado Sarkozy, que iria suceder ao princípio, que sempre nos tem orientado – e bem – da igualdade de todos os Estados membros, grandes, médios ou pequenos, sem o qual nunca haverá uma verdadeira Comunidade ou União, note-se, de «Estados e de Povos», como ficou claro em Maastricht. Porque sem a participação consciente dos Povos – sem a criação de uma cidadania europeia participada – não haverá União, capaz de resistir às convulsões, que o mundo conturbado dos nossos dias teima em nos fazer antever...

A identidade da França é, obviamente, importante e merece o respeito de todos nós, como a italiana, a espanhola, a sueca, a polaca, a portuguesa ou qualquer outra. Mas o que nos interessa hoje construir, 50 anos depois desta bela aventura comunitária, é a identidade europeia. Exactamente porque vivemos num mundo de grandes blocos emergente, onde a voz da Europa, da União Europeia, deve ter autoridade e peso. A União Política e Social é um caminho para aí chegar, com uma Política Externa e de

Defesa Comum, a cooperação científica e tecnológica, a integração das vagas de imigrantes que chegam aos nossos países, as questões energéticas e ambientais também elas comuns e os relacionamentos euro-americano, euro-América Latina, euro-Mediterrânico, euro-Africano, etc.

Mas para isso – e muito mais que, para vos poupar, me dispense de enunciar – são necessários recursos, e teremos de nos pôr de acordo sobre como e onde os vamos encontrar. É uma questão fundamental porque terminou a época em que a Alemanha pagava o principal da factura europeia.

Sempre fui partidário da criação de um pequeno imposto pago por todos os cidadãos europeus, que seria uma boa maneira de todos se sentirem verdadeiramente europeus. Mas os dirigentes actuais não ousam falar nisso porque julgam ser impopular, logo, politicamente incorrecto.

Os 50 anos de construção europeia que estamos a celebrar, com avanços e recuos, representam um imenso sucesso político, económico e social, que temos a responsabilidade colectiva de saber preservar e desenvolver. A Europa foi – e é – antes de mais, um projecto de paz. Um projecto político de paz, original, que permitiu o ressurgimento de um Continente dividido e devastado pela Segunda Guerra Mundial, e que em meio século de desenvolvimento económico, de progresso social e de bem estar das populações europeias conseguiu unir-se em paz e voluntariamente. Um fenómeno sem paralelo no resto do Mundo. E, por isso mesmo, um grande exemplo.

Quem pretenda que a União Europeia seja apenas uma simples e ampla área de livre-câmbio, engana-se. Se fosse só isso não teria o poder de atracção que continua a exercer sobre os outros países, mesmo os mais distantes. Porque o que verdadeiramente conta para as populações conscientes, são as pessoas, o seu bem estar, e não tanto o desenvolvimento, em termos abstractos, medido pelas taxas de crescimento do PIB, sem ter em conta as desigualdades entre as pessoas existentes dentro de cada Nação. A Europa tem perdido bastante tempo num Mundo que está a caminhar – às vezes bem, outras com grandes contradições internas, nem sempre visíveis – com invulgar rapidez, não pode perder mais tempo nem regressar ao passado. Tem de dar um salto em frente, para evitar confrontações e conflitos que lhe retiram peso e influência e se podem repercutir-se no nosso território.

Contudo, nós sabemos que há Estados membros – como o Reino Unido, por exemplo, e alguns dos recém-vindos à União – que não vêem a construção europeia como um projecto de sucessiva integração a caminho, como diz o primeiro-ministro belga, Guy Verhofstadt, dos «Estados Unidos da Europa». Só lhes interessa um grande mercado

único. E, egoisticamente, são indiferentes a tudo o mais. Como então fazer avançar a União?

Só vejo uma maneira: voltar à velha ideia proposta por François Mitterrand dos círculos concêntricos europeus, quando, após o colapso do mundo comunista e da cortina de ferro, se tornou inevitável que os Estados do chamado Bloco de Leste quieram integrar-se na União. Ou seja: que os Estados, após os sucessivos alargamentos dos últimos 20 anos, que queiram avançar no caminho que parece ínsito na construção da União – ou seja uma Federação Europeia de Estados – o façam livremente, sem que os outros os possam impedir. Sem, no entanto, fecharem a porta aos que, de momento, não queiram avançar. Como sucedeu já com as áreas de cooperação reforçada como a moeda única – o euro – ou o espaço Schengen. Nem por isso os Estados que não adoptaram a moeda única ou os que não pertencem ao espaço Schengen deixaram de contar com a solidariedade dos outros nem encontrarão a porta da União fechada se e quando mudarem de opinião. As cooperações reforçadas são, portanto, uma experiência muito válida.

Podemos avançar através do alargamento das cooperações reforçadas: no domínio institucional, da política externa e de defesa comum, da cooperação económica comum (em que não temos avançado suficientemente), da União Política e Social, da cooperação energética, científica e ambiental, da cooperação euro-atlântica e euro-mediterrânica e em muitas outras matérias.

Dir-se-á que passaríamos a construir uma Europa a duas velocidades em domínios de extrema importância. É verdade. Mas antes disso do que ficarmos parados, sem rumo preciso nem iniciativas de domínio global, o que tanto poderá diminuir-nos perante o Mundo.

Penso que é preciso ter a coragem de dar este passo em frente. O mundo tão inseguro e incerto em que vivemos precisa de uma União Europeia forte e unida, em torno de grandes valores, que saiba o que quer e para onde vai; que fale sem ambiguidade, a uma única voz; que não receie proclamar os seus valores sempre que seja necessário fazê-lo. Uma Europa Política de paz, solidária com os outros, aberta ao exterior, laica, respeitando as diferenças e todas as religiões, com sólidas dimensões no plano social – o modelo social europeu, que aliás é diverso nas suas concretizações, mas que tem o mesmo objectivo de assegurar a justiça social, de combater a pobreza e reduzir as desigualdades – e ainda no plano ambiental, uma Europa encorajadora das Nações Unidas, a caminho de uma governação mundial, centro do multiculturalismo e de irradiação dos valores humanistas e universalistas, que têm sido os seus.

Trata-se de uma utopia? Mas o que tem sido, nestes últimos 50 anos, a construção europeia senão uma bela utopia, já em parte realizada? Quem o poderia prever depois de duas guerras mundiais e do jogo sangrento dos totalitarismos de sinal contrário? Por que havemos agora, nós, que nos consideramos cidadãos europeus, de deixar de acreditar nessa utopia que nos trouxe até aqui, quando a situação do Mundo e do Ocidente tanto nos incita a continuar?